

A ARTE DA GUERRA NA LITERATURA BRASILEIRA: ESTRATÉGIAS DE CONCEIÇÃO EVARISTO NO CAMPO DE BATALHA

Marcelle Leal

Resumo: A Literatura Brasileira, ao longo de séculos, concentrou-se sob os domínios de uma minoria detentora dos poderes político, econômico e cultural do país. Este cenário contribuiu para que as dinâmicas de constituição das letras nacionais se organizassem tradicionalmente de maneira vertical e excludente. Há resistência e luta diante do estabelecido por parte daquelas e daqueles que estão à sombra do sistema e, nas últimas décadas, verifica-se, progressivamente, uma mudança estrutural da arte em questão a partir de ações individuais e coletivas destes sujeitos. Almeja-se compreender algumas das formas pelas quais as mulheres negras, especificamente, ocupam o espaço literário com o fim de reconfigurá-lo. Através de uma abordagem analítica das estratégias de Conceição Evaristo em diálogo com intelectuais que refletem sobre as temáticas étnico-raciais, como Grada Kilomba e Lélia Gonzalez, acredita-se que encontraremos caminhos que nos ajudam a reordenar o literário no Brasil de modo mais plural e colaborativo.

Palavras-chave: Literatura afrolatinoamericana. Literatura brasileira contemporânea. Literatura negro-brasileira. Espaço literário. Conceição Evaristo.

Abstract: Throughout centuries, the Brazilian Literature has been concentrated under the domains of a minority that owned the political, economic and cultural powers of the country. This scenario allowed the dynamics of the constitution of national literature to be traditionally organized in vertical and excluding ways. There is resistance and struggle against the established by those who are in the shadow of the system and, in the last decades, there has been a progressive structural change in the art in question through the individual and collective actions of these subjects. The aim is to understand some of the methods by which black women, specifically, occupy the literary space in order to reconfigure it. Through an analytical approach to Conceição Evaristo's strategies in dialogue with intellectuals who reflect on Black Studies themes, such as Grada Kilomba and Lélia Gonzalez, it is expected that

we will find ways to help us reorder literature in Brazil in a more plural and collaborative scene.

Keywords: Afro-latinamerican literature. Contemporary brazilian literature. Afro-Brazilian literature. Literary space. Conceição Evaristo.

Introdução

*“A morte brinca com balas nos dedos gatilhos dos meninos.
Dorvi se lembrou do combinado, o juramento feito em voz
uníssona, gritado sob o pipocar dos tiros:
— A gente combinamos de não morrer!”.*
Conceição Evaristo

O início do conto “A gente combinamos de não morrer”, de Conceição Evaristo, compõe o cenário ideal para a abertura do debate proposto. A comunidade literária vive uma disputa territorial que desestabiliza o domínio liderado por uma facção composta majoritariamente por um tipo social: homens brancos heterossexuais que habitam a cidade e pertencem às classes sociais mais altas (DALCASTAGNÈ, 2010). Há séculos, estes cidadãos impõem suas regras de maneira violenta e praticam extermínios arbitrários àqueles que não obedecem, seguem e reproduzem a ordem prescrita. Desgastados pelo processo de negociação, grupos oprimidos ocupam as brechas que se abrem no sistema através das lutas sociais e movimentos de resistência, apropriam-se das armas que dispõem, traçam estratégias de invasão e se unem visando à desarticulação do autoritarismo em curso.

No tiroteio, a precisão e a agilidade dos movimentos determinam quem mata e quem morre. Por isso, a sabedoria dos mais experientes é valiosa, tendo em vista que conhecem a área, sabem percorrer seus becos de memória e identificam com mais facilidade as armadilhas deixadas ao longo do caminho. Eles também testemunham a longevidade do conflito e destacam, continuamente, a impermanência de vitórias e derrotas, assinalando a importância de não baixar a guarda. Também se empenham em recordar a necessidade de que cada envolvido confie no seu potencial e esteja atento a si. Por sua vez, o vigor da juventude é essencial para manter o dinamismo e a continuidade do enfrentamento. A chegada de combatentes renova as forças e lança a esperança de sucessão daqueles que acreditam na ocupação.

Vale lembrar que, diante de tal cenário, o posicionamento é inevitável. Seja em defesa dos que almejam a manutenção do sistema cujas regras contemplam uma visão única da história¹, seja ao lado de quem luta para modificá-lo, a tomada de partido é necessária. Por isso, assinalo em primeira pessoa que a elaboração do meu texto visa ao fortalecimento das coletividades que se empenham no estabelecimento de uma arte mais plural. Com finalidade estratégica, almejo refletir sobre a ação de uma intelectual

1 Trecho inspirado no conceito de “História única”, de Chimamanda Ngozi Adichie (2019).

cuja presença no campo de batalha tem sido fundamental: Conceição Evaristo. Por meio da inscrição do que se observa em sua arte da guerra, pretende-se adquirir conhecimentos determinantes para atuar no confronto em andamento pela retomada da Literatura Brasileira.

A arte da guerra na Literatura Brasileira

“A arte que liberta não pode vir da mão que escraviza”.
Sérgio Vaz

O país designado hoje como Brasil é marcado pela insígnia da invasão europeia a partir de 1500 e sofre um processo longo de usurpação e destruição de territórios, populações, culturas e memórias. No encontro dos povos do norte e do sul, gera-se uma tensão na qual, como afirma Aimé Césaire (1978), não há um intercâmbio de culturas, mas uma ordem de dominação. Imbuídos de uma pretensa concepção de civilidade, os setentrionais se posicionam em uma relação assimétrica de superioridade diante dos locais e, como parte do que nomeiam perversamente como descobrimento, não só ignoram a estrutura vigente, mas também se empenham em violentá-la física e simbolicamente. Este é o berço de uma configuração hierárquica que, em traços gerais, mantém-se ainda na atualidade.

Embora haja resistência dos povos originários – como a Confederação dos Tamoios quando os Tupinambás lideram

um levante contra os portugueses em meados do século XVI – inicia-se um período de exploração. Nos documentos sobre a chegada dos europeus no país, a inferiorização dos que habitam o espaço é registrada de forma explícita, tal como se observa em trecho da Carta de Pero Vaz de Caminha: “— Parece-me gente de tal inocência que, se nós entendêssemos a sua fala e eles a nossa, seriam logo cristãos, visto que não tem nem entendem crença alguma” (CAMINHA, s.d., p. 11-12). Os anseios de imposição religiosa se efetivam e se expandem para a utilização forçada de mão-de-obra local. O aniquilamento cultural soma-se ao genocídio provocado tanto pelo extermínio dos que desobedeciam ao vigente quanto pelo acometimento de doenças recém ingressadas no continente americano.

As relações de violência não se restringem à população originária. Almejando ao saque efetivo das riquezas, no século XVI, implementa-se o uso da mão-de-obra de sujeitos submetidos à escravização no país. Oriundos de diversas nações do continente africano e trazidos em condições precárias através de embarcações, homens e mulheres são comercializados como objetos e submetidos ao trabalho forçado na terra e na casa daqueles que se portam como seus senhores. Privados de direitos e sofrendo abusos de

todos os tipos, cumprem jornadas exaustivas sob pena de castigos atrozes. Vale dizer que, assim como os indígenas, há resistência. Um exemplo é a constituição de quilombos, como o liderado por Dandara e Zumbi, em Palmares. No entanto, a luta não impede o sistema escravocrata de inscrever marcas profundas em terras brasileiras com seu punhal.

Assim, desde a chegada dos portugueses, constrói-se outra dinâmica. A sociedade se reorganiza economicamente com base na exploração da terra e dos indivíduos, o poder se concentra na mão de uma aristocracia cujo ponto focal está na família patriarcal e as relações hierárquicas se firmam na medida em que a branquitude concentra as riquezas nacionais e mantém um posicionamento de superioridade diante dos demais. Diferente do que se dita tradicionalmente, não há coexistência pacífica de todas as raças que repovoam o país, tendo em vista que as estruturas de dominação se perpetuam. Embora garantidas em termos legais, a abolição da escravidão e a proteção aos direitos indígenas não findam a subjugação. Ademais, as riquezas oriundas do assalto e do abuso se concentram nas mãos de uma elite, fomentando uma disposição social pautada na desigualdade e na opressão. Com fim de corroborar as afirmações anteriores, cito Abdias Nascimento:

O mito da ‘democracia racial’, tão corajosamente analisado e desmascarado por Florestan Fernandes, orgulha-se com a proclamação de que o ‘Brasil tem atingido um alto grau de assimilação da população de cor dentro do padrão de uma sociedade próspera’. Muito pelo contrário, a realidade dos afro-brasileiros é aquela de suportar uma tão efetiva discriminação que, mesmo onde constituem a maioria da população, existem como minoria econômica, cultural e nos negócios políticos. (2017, p. 98)

A introdução histórica do presente tópico consiste em um resumo breve da ordem que se implementa no Brasil após a chegada dos portugueses. Entendê-la é fundamental para o debate proposto, tendo em vista que os domínios políticos e econômicos, inicialmente dos europeus e posteriormente das elites, também se expandem para o âmbito cultural, ou seja, as esferas artísticas, críticas e epistemológicas inserem-se no cenário descrito. Lembra-se que, até o surgimento das primeiras universidades nacionais, muitos jovens de famílias aristocráticas cursam o ensino superior em instituições europeias e absorvem não só a estética, mas também os temas e problemas do autointitulado velho mundo. Quando retornam, encontram uma estrutura social diversa, mas, ainda assim, seguem os padrões do norte e gozam de notoriedade pelo contato com uma cultura compreendida, pelos valores eurocêntricos, como a mais elevada.

No que tange à Literatura construída após o processo de apagamento e modificação dos idiomas e culturas dos povos originários, nota-se uma reconfiguração que se estabelece à sombra do norte. Conforme afirma Candido, “a literatura não ‘nasceu’ aqui: veio pronta de fora para transformar-se à medida que se formava uma sociedade nova” (1999, p. 12). A crítica tradicional inaugura as Letras a partir do desembarque europeu e dos relatos do olhar estrangeiro sobre as terras e os povos dominados. Posteriormente, com a recriação da estrutura social local erguida sob uma ordem hierárquica, a língua portuguesa solidifica-se e as referências da elite que detém o poder advêm da Europa. Logo, a concepção de literariedade herda os valores de um pequeno grupo cujo padrão estético se alicerça em moldes estrangeiros para engendrar e avaliar o que se produz artisticamente em território nacional².

A dinâmica descrita favorece a construção de uma intelectualidade centrada na classe alta, capaz de acessar ao que se concebe como educação formal. O desprezo pelos saberes locais e a consolidação daqueles implantados pelo colonizador, mantidos pela elite, encerram a concepção de conhecimento validado no âmbito dos privilégios de classe,

2 Ainda hoje, por exemplo, livros e apostilas didáticos reproduzem a divisão entre as pretensas noções de universal, centradas na Europa, e local ao separar, respectivamente, capítulos e subcapítulos como Barroco/Barroco no Brasil, Arcadismo/Arcadismo no Brasil.

raça e gênero. Mesmo as tentativas de construção de uma arte compreendida como nacional, como o Romantismo, realizam-se através de uma perspectiva restrita que representa os aspectos do país sob as lentes da dominação e da estereotipia. Lembra-se de *Iracema*, de José de Alencar, onde a terra e a mulher brasileira são representadas em tons de exotismo e subordinadas aos interesses europeus.

Na introdução do livro *Literatura Negro-Brasileira*, Cuti destaca que “o Brasil é dos brasileiros, porém é preciso acrescentar que de todos os brasileiros” (2010, p. 11). No rastro de seu pensamento, entende-se que, a concepção de uma Literatura Brasileira precisa abarcar todas e todos, mas não apenas um setor do país. Ao longo da sua formação, a presença do homem branco de classe alta se solidificou e os demais ficaram à sombra de tal figura. No caso do indivíduo negro, poucos figuram no panteão criado para o cânone nacional e ocupam um espaço coadjuvante na apresentação dos movimentos literários. Quando se trata da mulher negra, a quantidade e o destaque são ainda menores. Ao debater sobre o elitismo da arte das letras, ainda é imprescindível lembrar que, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) do ano de 2019, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 11 milhões de

brasileiros não sabem ler e escrever em língua portuguesa no país. Este é um dado relevante para compreender o quanto falta para fazer da literatura um instrumento popular tanto no que tange a autores quanto a leitores.

Na esfera acadêmica, há pesquisas que se concentram na compreensão do panorama social que povoa o espaço literário do país. O Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea (GELBC) da Universidade de Brasília, sob a coordenação de Regina Dalcastagnè, realiza um estudo quantitativo com o fim de demonstrar, através de números, a falta de proporcionalidade presente na referida arte. Através de mapeamento e análise de dados estatísticos sobre os romances brasileiros publicados entre os anos de 1990 e 2004 pelas principais editoras do país, a investigação evidencia não só o perfil de quem escreve, mas também as configurações literárias criadas por tais escritores:

O romance brasileiro é majoritariamente escrito por homens (72,7%) e sobre homens (62,1% das personagens do sexo masculino, proporção que sobe para 71,1% quando são isolados os protagonistas). Quando são isoladas as obras escritas por mulheres, 52% das personagens são do sexo feminino, bem como 64,1% dos protagonistas e 76,6% dos narradores. Para os autores homens, os números não passam de 32,1% de personagens femininas, com 13,8% de protagonistas e 16,2% dos narradores. Fica

claro que a menor presença das mulheres entre os produtores se reflete na menor visibilidade do sexo feminino nas obras produzidas. Mas a personagem do romance brasileiro contemporâneo também é branca (79,8%), heterossexual (81%) e rica ou de classe média (82,9%). Nota-se, desde já, que o romance brasileiro abriga uma parcela muito pequena da pluralidade de trajetórias estruturalmente condicionadas presentes na nossa sociedade. (DALCASTAGNÈ, 2010, p. 47)

Considerando o quadro resumido sobre a construção do que se compreende como Literatura Brasileira e o cenário apresentado pela pesquisa, observa-se que, ao longo de séculos, a arte em análise consiste num campo restrito permeado de privilégios tanto em sua elaboração quanto avaliação crítica. Visando à manutenção da supremacia criada por e para si, verifica-se que o sistema se retroalimenta na medida em que um tipo social específico domina as habilidades de forma e conteúdo legitimadas pela crítica que, por sua vez, é composta por seus iguais. Posicionando-se como um corpo rígido diante da luz que recebe, designa o que lhe escapa como sombra cuja manifestação corrobora sua solidez e a constituição bidimensional escura permite um delineamento estereotipado que se lança em relação a este que o projeta³.

3 Ver mais sobre teoria das sombras em: LEAL, Marcelle Ferreira. *Poéticas das sombras*:

No entanto, retornando ao rastro da pesquisadora Dalcastagnè, verifica-se que a Literatura Brasileira é um espaço contestado, principalmente na esfera contemporânea. Segundo a professora da UNB, “o que está em jogo é a possibilidade de dizer sobre si e sobre o mundo, de se fazer visível dentro dele” (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 13). Esta imagem é cara à discussão proposta, visto que assemelha a comunidade da arte, sobre a qual nos debruçamos, à realidade de territórios brasileiros diversos onde a disputa do poder e a violência estão presentes. A ordem da elite minoritária – responsável por concentrar poderes em si e erguer um modelo vertical e excludente – é abalada por grupos que, até então, estavam à sombra do sistema e se organizam para tomar, sem pedir licença, o lugar de seu justo pertencimento e reorganizar o vigente em um meio mais plural e colaborativo.

No que diz respeito à população negra, observa-se que o movimento de apropriação do seu espaço se intensifica em meados do século XX. Embora encontremos alguns dos seus representantes nos registros da historiografia, verifica-se que a crítica tradicional utiliza técnicas para driblar a potência da negritude e cunhar estereótipos e desvios seja em seus

de projeções a sujeitos da Literatura. 2017. 267f. Tese (Doutorado em Ciência da Literatura) – Faculdade de Letras e Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

textos, seja em seus ofícios. Entre as quais, destacam-se: o apagamento, exemplificado pela exclusão de Maria Firmina dos Reis; a ênfase biográfica em detrimento da estética, como o caso de Lima Barreto; o branqueamento, ilustrado pela longínqua representação alva de Machado de Assis. Estes mecanismos associados à debilidade de um movimento de vulto que acolhesse tal produção resultou numa concepção ilegítima de ausência ou despreço de “negres” por tal arte.

Recuperando o diálogo com Cuti (2010), destaca-se que o crítico brasileiro atribui o momento de acentuação da mudança à década de 1970 quando não só aumenta o número de leitores, mas a organização de coletivos para viabilizar o acesso à arte produzida pelo povo preto. Em seus estudos, destaca-se o surgimento de *Cadernos Negros*, responsável por criar uma dinamização de produção e distribuição literária. Criada em 1978 e publicada até a atualidade, a série se compõe de volumes que se alternam na publicação de contos e poesias e se consolida como meio de difusão de textos e autores afro-brasileiros, entre as quais, está Conceição Evaristo, sobre a qual trataremos no tópico seguinte.

É importante assinalar que compreendemos Literatura negro-brasileira tal como o teórico mencionado a designa.

Isto é, aquela que se origina na experiência de ser preto, preta num país colonizado, reerguido nos pilares da hierarquização e marcado profundamente pelo racismo. O conceito escolhido defende o reconhecimento da identidade negra na sociedade brasileira e a singularidade desta experiência. Menciono as palavras de Cuti:

A literatura negro-brasileira nasce na e da população negra que se formou fora da África e de sua experiência no Brasil. A singularidade é negra e, ao mesmo tempo, brasileira, pois a palavra ‘negro’ aponta para um processo de luta participativa nos destinos da nação e não se presta ao reducionismo contribucionista a uma pretensa brancura que a englobaria como um todo a receber, daqui e dali, elementos negros e indígenas para se fortalecer. (CUTI, 2010, p. 44-45)

A afirmação enquanto agentes desta arte – imprimindo a cor dos nossos corpos e subjetividades – associada à organização coletiva, colaboram com o movimento de ocupação da comunidade que insiste em nos excluir ou representar. Somos donos do nosso grito, responsáveis pela própria representação e, como sujeitos, seguimos apropriando-nos dos espaços que nos pertencem. Entre os que participam do movimento, destacam-se as mulheres negras e a nossa atenção dirige-se a uma das representantes

mais atuantes nas últimas décadas: Conceição Evaristo. Através da arte e da vida, ela nos apresenta os meios pelos quais conseguiremos, de forma colaborativa e plural, reelaborar a literariedade que outrora nos fora usurpada por uma minoria que se autodesignou autoritariamente dona de nossa comunidade. Ressaltando a potência negra, a autora lembra que nossos passos vêm de longe e constantemente recorda que “a gente combinamos de não morrer”⁴.

Estratégias de Conceição Evaristo no campo de batalha

Assim como Bica, do conto “A gente combinamos de não morrer”, Conceição Evaristo gosta de usar “palavras caídas, apanhadas, surgidas, inventadas na corda bamba da vida” (EVARISTO, 2016, p. 108). Através de uma produção que transborda em romances, contos e poesia, a autora mineira confere um papel de protagonismo a personagens, espaços, tempos e linguagens constantemente invisibilizados ou marginalizados na literatura nacional. Doutora em Literatura Comparada, ela tece uma leitura arguta da comunidade literária, traçando um mapa preciso do cenário que se inscreve para uma inserção precisa no lugar de escritora que, até então, não lhe era autorizado. Posto que exerceu a função de professora da rede pública

4 Referência ao conto homônimo da autora publicado no livro *Olhos d'água*.

de ensino e cresceu em espaços onde o saber se entrelaça ao cotidiano, estabelece facilmente o diálogo com distintas gerações, classes, nacionalidades. Seja por meio dos textos, seja pelas entrevistas, a escritora premiada e traduzida nos oferece importantes ensinamentos para o processo de apoderamento identitário da Literatura Brasileira.

Na arte da guerra das Letras, a intelectual desenvolve um conceito caro àqueles que a acompanham na luta: a escrevivência. No depoimento “Da grafia-desenho de minha mãe um dos lugares de nascimento de minha escrita”, Evaristo apresenta a gênese do termo contextualizando-o e demonstra a participação do corpo e da subjetividade na construção das narrativas. Um questionamento chave presente é: “É preciso comprometer a vida com a escrita ou é o inverso? Comprometer a escrita com a vida?” (EVARISTO, 2012). Segundo sua concepção, o texto nasce dos acúmulos de experiências individuais e coletivas que nos atravessam desde a infância. Além disso, destaca a importância da consciência adquirida ao longo do tempo de uma escrita engajada com a auto-afirmação. Isto é, um comprometimento entre palavra e corpo, no seu caso, com as especificidades de uma mulher negra.

Observa-se que a validação da auto-inscrição no mundo transpassada pela vivência é um instrumento de libertação

de muitas obras. Para a ficção, a proposta da escritora legitima a forma e conteúdo oriundos das margens. Em relação aos que atuam na área da crítica, torna-se um elemento fundamental, uma vez que desarticula o engodo da objetividade, uma separação entre vida e produção. Portanto, o reconhecimento da legitimidade do escrito oriundo do corpo, perpassa pela própria noção de identificação e autorização deste sujeito na sociedade. Ainda no rastro das falas de Bica, ilustro o poder de permear as palavras com as corporeidades:

E só faço escrever, desde pequena. Adoro inventar uma escrita. Um dia na escola, com meus sete ou oito anos, a professora passou um exercício. Era o de dividir as palavras em sílabas e a partir daí formar novas palavras. Eu já estava de saco cheio (força de expressão que menina não tem saco). Para desconsertar a moça, pedi para ir ao quadro escrever as que eu tinha formado. E escrevi pó, zoeira, maconha. E fui escrevendo mais e mais. Craque, tiro, comando leste, oeste, norte, sul, vermelho e verde também. Na verdade, naquele momento, eu já estava arrependida e queria voltar para o meu lugar. Se é que tenho algum. (EVARISTO, 2016, p. 108)

Em *Memórias da Plantação*, Grada Kilomba denuncia as estratégias utilizadas para sustentar o “mito da neutralidade” que por tanto tempo gerou silenciamento entre os que

tinham o lugar de nascimento de seus escritos fora do cânone. A intelectual portuguesa assinala algumas frases usadas na avaliação dos textos que escapam do modelo imposto pelos que se colocaram no centro: “interessante, mas acientífico; interessante, mas subjetivo; interessante, mas pessoal, emocional, parcial: você interpreta demais” (KILOMBA, 2019, p. 55). Ainda no seu texto, entende-se que a anulação de determinados corpos tem a ver com “a ideia de que a/o oprimida/o está vendo ‘algo’ que não deveria ser visto e a revelar ‘algo’ que deveria permanecer em silêncio, como um segredo” (KILOMBA, 2019, p. 55). Portanto, o primeiro fator de fortalecimento de Evaristo na luta pela comunidade literária é a afirmação da validade dos nossos corpos, seja em qual espaço for.

Um segundo aspecto é o movimento de retorno ao passado no qual se destaca a honra à memória pessoal, aos autores que a antecederam, à ancestralidade e aos silenciados da história. Isto é, ela demonstra a relevância de resgatar as vozes predecessoras que, mesmo em cenários adversos, mantiveram-se firmes em suas re-existências, sejam as que foram reconhecidas e materializadas sejam as que ainda estão asfixiados ou pertencem ao âmbito espiritual. A autora reitera em suas práticas uma frase

recorrente nos movimentos de mulheres negras do Brasil registrada em livro por Jurema Werneck (2006): “Nossos passos vêm de longe”. Compreende-se a afirmativa pela valorização de duas perspectivas: das vivências individuais que precedem ao momento de reconhecimento público e de todas e todos que, ao longo de séculos, combateram no território em disputa.

Sobre a dimensão individual, Conceição Evaristo nos instrui sobre o acolhimento de nossa biografia. Oriunda das classes populares, valoriza, em sua dimensão ética⁵, a contribuição dos aprendizados obtidos na infância. Conforme assinala, ela cresce rodeada de palavras e não de livros, as vivências ganham um protagonismo diante das teorias. Desta maneira, reitera as margens como berço da própria escrita e demonstra que, nem sempre, o escritor será detentor de uma estante vasta de obras em sua casa. A desconfiguração de um padrão de intelectualidade cuja performance se associa aos acessos das classes abastadas é fundamental para o fortalecimento de indivíduos formados em áreas periféricas. Isto é, assumir, com caráter positivo, o lugar de nascimento da nossa produção é um meio de afirmar que as margens também são espaços de

5 Trabalho com um termo utilizado por Izilda Johanson para falar sobre Simone de Beauvoir e que se adequa à Conceição Evaristo. Dimensão ética da existência consiste em uma integração entre a vida intelectual, pública, pessoal da autora.

e para construção de conhecimento. No entanto, vale lembrar que, embora nascida em favela e cercada por dificuldades financeiras, Conceição Evaristo está sempre atenta para afastar discursos de meritocracia sobre sua figura. Ela é consciente das desigualdades que permeiam o país e os reflexos na constituição dos que ocupam as esferas de poder.

No âmbito coletivo, é comum sua menção não só à coletividade que lhe propicia mais visibilidade, mas também aos antecessores no ofício literário. Digo, consoante ao que fora mencionado no tópico anterior, a organização cultural do movimento negro brasileiro na década de 70 é crucial no intercâmbio entre autores e leitores dos textos pretos. Participante dos círculos de debate sobre a situação da negritude no país desde a juventude, a autora mineira é publicada pelos *Cadernos Negros* e marca a importância do grupo para a difusão e re-existência dos literatos “negres” no país⁶. Ademais, constantemente, menciona os precursores que, mesmo diante de uma ordem desfavorável, apropriaram-se do ofício de escritor e abrem as primeiras veredas na ocupação da comunidade literária, como Luiz Gama, Maria Firmino dos Reis, Lima Barreto e

6 É uma forma de aquilombamento que se propaga hoje na presença de editoras e livrarias pretas que se espalham pelo Brasil, como a Editora Malê e a Livraria Bantu.

Carolina Maria de Jesus. Assim sendo, o aquilombamento e o reconhecimento daqueles que nos antecederam é imprescindível para legitimar outra história.

No âmbito hegemônico, o passado das pessoas negras quando não lhes é usurpado, é reelaborado discursivamente e utilizado como um meio de alienação. Em termos históricos, além de arrancados de nossas terras e identidades, cria-se uma narrativa difundida, principalmente na esfera educacional, que a memória do negro se associa exclusivamente à escravidão. Não se trata de negar tal insígnia, mas resgatá-los como participantes ativos na reformulação identitária do país. No âmbito literário, por exemplo, Conceição Evaristo marca os métodos de exclusão do sistema como o apagamento oficial daqueles que se destacaram no passado, como Maria Firmino dos Reis, e denuncia as máscaras criadas pelo sistema com o fim de silenciar vozes que estão à sombra. Porém, como repete, “a gente sabe falar pelos orifícios da máscara e às vezes a gente fala com tanta potência que a máscara é estilhaçada” (EVARISTO, 2017). Por isso, entende que para a mulher preta, “publicar é um ato político” (EVARISTO, 2017). Apenas entrando na disputa pelo espaço, conseguiremos reaver, de fato, o lugar que nos pertence por direito.

Finalizando os aspectos que resgatam o passado, ressalta-se a valorização da cultura trazida de distintos países de África por nossos ancestrais. Sabe-se que o discurso racista relegou elementos afros a um espaço de demonização e criminalização. Visando ao combate contra este tipo de acepção, a presença dos Orixás como fontes de conhecimento, proteção e intervenção é frequente nas obras de Conceição Evaristo. Em “A gente combinamos de não morrer”, por exemplo, após citar a fala de um escritor que diz estar perplexo com a fome do mundo ela menciona: “quem sabe nossos Orixás que são humanos e deuses descrevam para este escritor outras e outras fomes” (EVARISTO, 2016, p. 108). As divindades estão entre nós e relembram constantemente sua presença nos atos mais cotidianos, como a força de Oxum nos *Olhos d’água* que intitulam o livro.

À luz dos ensinamentos do ideograma adinkra Sankofa⁷, observa-se que a honra aos mais velhos e às heranças africanas são caras à escritora mineira. No que tange ao individual e ao coletivo, as memórias são compreendidas como atuantes no presente na medida em que o ressignificam. Há uma dinâmica na qual os antecessores são aliados tanto pelos ensinamentos sobre os caminhos que trilham em

7 A volta ao passado para ressignificar o presente e apontar para o futuro é o significado do pássaro que volta a cabeça para sua cauda na tradição africana. Vale dizer que a opção de Sankofa ao conceito de história à contrapelo de Walter Benjamin é uma escolha epistemológica.

vida quanto pela atuação na esfera do invisível. É preciso lembrar que, dentro de algumas cosmologias africanas, como a Bantu⁸, a ancestralidade é vista como uma possibilidade de acessar uma temporalidade que não nos pertence, isto é, não é um momento fechado como o passado concebido pelo conceito linear de história, mas um caminho de acesso ao que colaborou para formar o que somos.

Após a compreensão do passado como uma dimensão de solidificação de memórias encorajadoras e instrumento de auxílio para enfrentar desafios em curso, encaminha-se o debate para o presente. Sabe-se que, ainda na sua sétima década de vida, Conceição Evaristo mantém-se publicando e atuante na difusão da Literatura Negro-Brasileira. Devido às frentes múltiplas de ação, propõe-se um recorte em três esferas: o questionamento sobre a ordem vigente, a ocupação dos espaços e o enegrecimento da produção literária. Através de publicações, palestras, entrevistas, premiações e homenagens, testemunhamos sua atividade vigorosa na ocupação preta dos espaços e o levante provocado por sua voz. Ela é uma intelectual expoente no fomento da participação ativa dos afrodescendentes nas artes literárias e este incentivo culmina na dinamização das relações de poder estabelecidas.

8 Encontram-se mais informações em: A cosmologia africana dos Bantu-Kongo por Bunseki Fu-Kiau: tradução negra, reflexões e diálogos a partir do Brasil (SANTOS, 2019).

Inicia-se o debate a partir do enfrentamento do sistema vigente. Em entrevista concedida à BBC Brasil, ela questiona sobre os motivos pelas quais seu reconhecimento só ocorre aos 71 anos. Entende-se que, enquanto Mestre em Literatura Brasileira e Doutora em Literatura Comparada, a pergunta é uma provocação à reflexão sobre a ordem na qual se assenta a estrutura das Letras nacionais. Engajada como militante e intelectual, aponta as reverberações do racismo, classismo e do machismo na arte em questão e convoca as mulheres a se apoderarem da palavra e assumirem sua representação. Acredita-se, em consonância com as ideias da escritora mineira, que “no momento em que tomam posse da escrita, imbuem-se de uma potência própria capaz de imprimir cor, profundidade e subjetividade na sua presença e nas suas palavras” (LEAL, 2017, p. 154).

A discussão segue com o tema da ocupação dos espaços. Além do encorajamento de inserção das afro-brasileiras na disputa pelo campo literário, a própria escritora atua neste lema. Nas apresentações afirma que “para nós, mulheres negras, escrever e publicar é um ato político” (EVARISTO, 2017) e lembra as dificuldades enfrentadas para colocar seus livros no mercado, como a dívida contraída para investir na primeira publicação individual pela editora Mazza, lançada

em 2003. Outro fator relevante é a candidatura à Academia Brasileira de Letras, em 2018, mesmo ciente do racismo institucional manifesto na casa criada por um negro, Machado de Assis. Ainda que tenha perdido a vaga para um homem branco, a participação no processo é representativa, pois é uma luta pelo direito de fazer parte de um espaço que, oficialmente, está aberto a qualquer brasileiro já publicado. Sobre o tema, diz “Ora, eu sou brasileira, com seis livros publicados e com publicações no estrangeiro [...] Acho que o que me era de direito eu fiz, que foi a candidatura” (EVARISTO, 2017). Contudo, a autora sabe que sua obra não se define por uma autorização branca. Premiada, traduzida e com seus textos permeando materiais e avaliações de diversas esferas educacionais brasileiras e internacionais, o reconhecimento de sua obra transborda à validação de um grupo minoritário reconhecido por seus métodos pouco justos de atuação.

Ainda sobre o povoamento preto dos locais, destaca-se a posse na Cátedra Olavo Setubal de Arte, Cultura e Ciência, na Universidade de São Paulo. O movimento de ingresso como titular de cátedra em uma das instituições educacionais mais importantes do país reitera o empenho de Conceição Evaristo em, como ela mesmo profere no discurso, “furar o cerco” (BELLESA, 2022). Neste processo, contribui para a

valorização e legitimidade da intelectualidade negra no ensino superior, colabora com a formação de jovens pesquisadores, principalmente pretos – posto que seleções específicas para seus orientandos tinham como pressuposto ser negra ou negro, e incita à transposição de saberes entre Academia e sociedade. A última afirmação é corroborada pelas palavras da autora sobre seus objetivos:

A ideia é traduzir o saber acadêmico para o público extramuros da USP e vice-versa, promovendo uma investigação interdisciplinar e também atuando na capacitação de professores na produção de novos textos e novas leituras. (BELLESA, 2022)

No entanto, a ocupação não se restringe aos espaços da branquitude. Ela também se dedica a construção de espaços pretos, como a “Casa Escrevivência”. Localizada na Pequena África no Rio de Janeiro, especificamente no bairro da Saúde, é um local onde a escritora deseja⁹ guardar seu acervo, receber o público e servir de residência para pesquisadores. Apresentada ao público em 2023, já constitui em uma referência em relação à preservação da memória, criação e divulgação da história da literatura negra. A relevância de idealização e materialização

9 Durante a escrita do artigo, a casa ainda não foi inaugurada. Porém, as informações constam no perfil oficial da autora e da Casa Escrevivência no Instagram, respectivamente, @conceicaoavaristooficial e @casaescrevivenciaoficial.

de lugares de acolhimento literário por escritores afrodescendentes dão continuidade ao aquilombamento que fortalece a coletividade, tal como foram e são os já mencionados *Cadernos Negros*. Demonstra-se, desta forma, que não basta o empenho em atravessar os bloqueios da branquitude, mas também construir ambientes onde a ordem é estabelecida pela negritude.

Um terceiro aspecto de relevância de ação é a defesa do protagonismo negro. Seja na Literatura, seja na vida, há uma provocação ao enegrecimento. Ao mesmo tempo que Conceição Evaristo escurece os espaços, traz para suas obras personagens principais e uma voz poética que detém cor. Porém, ela propõe uma abordagem na qual estas figuras se configurem como sujeitos e não se sujeitem aos estereótipos que lhe conferem. Ademais, inverte concepções preconceituosas, como a menção frequente aos supostos erros empregados por Carolina Maria de Jesus. A publicação de um conto intitulado “A gente combinamos de não morrer” nos incita a pensar que talvez, diferente desta perspectiva crítica, o uso de inadequações linguísticas possa ser uma estratégia estética nas obras carolineanas. Lembra-se também da hipótese levantada por Lélia Gonzalez sobre a troca da letra “l” por “r” em encontros consonantais

como “Framengo” – e entendida como um erro das classes populares, mas é uma possível herança afro: “Chamam agente de ignorante dizendo que a gente fala errado. E de repente ignoram que a presença desse r no lugar do l, nada mais é que a marca linguística de um idioma africano, no qual o l inexistente. Afinal, quem que é o ignorante?”(GONZALEZ, 1983).

Nota-se que, no rastro do passado e na consciência da luta presente, Conceição Evaristo recorda ao negro a importância de se posicionar. No que tange à comunidade literária, impulsiona o enegrecimento dos espaços e a movimentação coletiva como meios de reconfigurá-la. Mesmo no período quando éramos compreendidos como coadjuvantes da história, tínhamos representantes que persistiram. Hoje, momento em que graças a algumas conquistas¹⁰, ampliamos nossa esfera de atuação, vemos que muitos dos nossos enfrentam o sistema visando à tomada dos lugares que nos pertencem. Desta forma, abrimos os caminhos para os que virão, plantando sementes e apontando para um futuro onde se possa dizer que a Literatura Brasileira é representada e representativa de “todes”, sem exceção.

10 Como as ações afirmativas de implementação de cotas nas universidades e leis como a 10.639 que estabelece a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira nas escolas.

Conclusão

*“Brasil, meu nego
Deixa eu te contar
A história que a história não conta
O avesso do mesmo lugar
Na luta é que a gente se encontra”.*
Samba Enredo Mangueira (2019)

Há muitos meios pelos quais se desqualifica a produção de negros com o fim de debilitar os movimentos de enfrentamento da ordem corrente. Todavia, consoante às ideias defendidas e praticadas por Conceição Evaristo, é preciso ocupar os espaços e escurecê-los. Se em algum momento da história os rostos pálidos da elite relegam os demais à sombra e se apropriam autoritariamente da comunidade literária, entende-se que, seu oposto, a população preta, e principalmente as mulheres negras periféricas, povoarão o território e implementarão uma dinâmica mais colaborativa e plural. Segundo a *Poética das Sombras* (LEAL, 2017), quando aqueles que habitam a zona umbrosa lançada pelo cânone tradicional, apropriam-se do discurso e se fazem sujeitos da Literatura, agregam cor, profundidade, textura, mobilidade, isto é, complexidade ao perfil constantemente plasmado por estereótipos. Ademais, são mais conscientes das projeções que podem vir a lançar e, por isso, empenham-se a encorajá-las a iniciar o

mesmo movimento. Não se delega representação ao outro, incentiva-se o apoderamento da escrita de si.

Se a Literatura Brasileira contemporânea é um território em contestado, como afirma Regina Dalcastagnè, compreende-se que as afro-brasileiras são uma das principais combatentes em campo de batalha. Mudanças significativas acontecem com suas realizações, pois como declara Angela Davis na palestra *Atravessando o tempo e construindo o futuro da luta contra o racismo* proferida na Universidade Federal da Bahia, em 2017, “Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela” (DAVIS, 2017). Uma vez que constituem a base da pirâmide da sociedade do país, conseguem imprimir deslocamentos relevantes e desarticular, pouco a pouco, a facção que dominou a comunidade literária.

Conceição Evaristo é uma intelectual experiente na Arte da Guerra das Letras. Ensina a necessidade de atuação em espaços e temporalidades diversos e enfatiza o fato de que nos façamos protagonistas das ações e das produções. Epígrafe do presente tópico, o samba-enredo da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira, de 2019, intitulado “História pra ninar gente grande” é inspirado no seguinte fragmento: “A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para ‘ninar os da casa grande e sim para incomodá-

los em seus sonos injustos” (EVARISTO, 2012). Entende-se que a nossa Literatura tampouco está para adular os delírios de uma elite que se empenha em criar uma arte voltada apenas para os interesses de um grupo pequeno que almeja nortear uma história que não nos pertence. Queremos “um Brasil que não está no retrato”, pois “chegou a vez/ De ouvir as Marias, Mahins, Marielles, malês” (BOLA *et al.*, 2019). Assim, enquanto mulheres negras engatilham palavras em dedos ágeis, escutam o grito insistente de Conceição Evaristo renovando nosso pacto, afinal “A gente combinamos de não morrer”.

Referências

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. Tradução de Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- BELLESA, Mauro. *A escritora Conceição Evaristo toma posse na Cátedra Olavo Setubal de Arte, Cultura e Ciência*. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, 2022. Disponível em: <http://www.iea.usp.br/noticias/posse-de-conceicao-evaristo>. Acesso em: 11 jul. 2023.
- BOLA, Marcio; CUÍÇA, Manu da; DÔMENICO, Deivid; FIRMINO, Danilo; MAMA, Miranda, Tomaz; OLIVEIRA, Ronie. *Histórias Para Ninar Gente Grande*. 2019. Samba-enredos (Estação Primeira de Mangueira). Rio de Janeiro, 2019.
- CANDIDO, Antonio. *Iniciação à literatura brasileira: resumo para principiantes*. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/USP, 1999.
- CAMINHA, Pero Vaz. *A carta de Pero Vaz de Caminha*. Biblioteca Nacional: RJ. Disponível em: http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/carta.pdf. Acesso em: 11 jul. 2023.

CESAIRE, Aimé. *Discurso sobre o colonialismo*. Tradução de Noémia de Sousa. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1978.

CUTI. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DALCASTAGNÈ, Regina. Representações restritas: a mulher no romance brasileiro contemporâneo. In: DALCASTAGNÈ, Regina; LEAL, Virgínia Maria Vasconcelos (Orgs.). *Deslocamentos de gênero na narrativa brasileira contemporânea*. São Paulo: Editora Horizonte, 2010.

DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2012.

DAVIS, Angela. Angela Davis: Construindo o futuro da luta contra o racismo. Transcrição de Naruna Costa. *Blog da Boitempo*, 28 de julho de 2017. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2017/07/28/angela-davis-construindo-o-futuro-da-luta-contra-o-racismo/>. Acesso em: 11 jul. 2023.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho da minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. *Nossa escrivência*, 2012. Disponível em: <http://nossaescrevencia.blogspot.com/2012/08/da-grafia-desenho-de-minha-mae-um-dos.html>. Acesso em: 11 jul. 2023.

EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

EVARISTO, Conceição. Conceição Evaristo: “Nossa fala estilhaça a máscara do silêncio”. *Carta Capital*. São Paulo: Editora Basset, 13 maio. 2017. Entrevista concedida à Djamila Ribeiro. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/conceicao-evaristo-201cnossa-fala-estilhaca-a-mascara-do-silencio201d/>. Acesso em: 11 jul. 2023.

EVARISTO, Conceição. É preciso questionar as regras que me fizeram ser reconhecida apenas aos 71 anos, diz escritora. Entrevista concedida à BBC Brasil. 9 mar. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43324948>. Acesso em: 11 jul. 2023.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: SILVA, L. A. et al. *Movimentos sociais urbanos, minorias e outros estudos. Ciências Sociais Hoje*, Brasília: ANPOCS, n. 2, p. 223-244, 1983.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LEAL, Marcelle Ferreira. *Poéticas das sombras: de projeções a sujeitos da Literatura*. 2017. 267f. Tese (Doutorado em Ciência da Literatura) – Faculdade de Letras e Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

NASCIMENTO, Abdias. *O genocídio do negro brasileiro: processos de um racismo mascarado*. São Paulo: Perspectiva, 2017.

SANTOS, Tiganá Santana Neves. *A cosmologia africana dos Bantu-Kongo por Bunseki Fu-Kiau: tradução negra, reflexões e diálogos a partir do Brasil*. 2019. 234f. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Maísa; WHITE, Evelyn. (Orgs.). *O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe*. Rio de Janeiro: Pallas; Criola, 2006.

Marcelle Leal

Pós-doutoranda pela Universidad de Buenos Aires (UBA).

Doutora em Letras, Ciência da Literatura (Teoria Literária), pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9915614856398387>.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-4682-6604>.

E-mail: marcelleleal@gmail.com.